

# A PONTUAÇÃO EXPRESSIVA NA NARRATIVA DE LYGIA BOJUNGA

Anete Mariza Torres Di Gregorio<sup>T</sup>

## 1. O âmbito do estudo da pontuação

Sem dúvida, a iniciativa de Nina Catach em organizar uma Mesa Redonda Internacional no Centro Pluridisciplinar de Ivry, na França, em maio de 1978, para discutir a pontuação com diferentes especialistas – historiadores, críticos literários, lingüistas, editores e bibliógrafos, tornou-se decisiva para a ampliação das reflexões acerca de o assunto em pauta.

Para Catach, o estudo da pontuação como um objeto estilístico, editorial ou sociológico não é o suficiente. É necessário que os lingüistas assumam também esta preocupação. A autora considera a pontuação um campo com fronteiras difíceis de serem demarcadas, pois se limita com os domínios da tipografia, da escritura e da língua.

A partir daí, ao que tudo indica, há duas posturas vigentes para interpretar a questão: uma que considera a pontuação dissociada da fala, dentro do sistema geral da escrita e outra que vê a pontuação concernente a influências da oralidade, ainda que a tenha como elemento do sistema gráfico.

De acordo com a primeira postura, encontramos Nunberg, Tournier e Smith (cf. IN: Rocha, 1994: 98).

Para Nunberg, a pontuação é um subsistema lingüístico, logo, deve ser visto como parte do sistema lato da linguagem escrita.

Tournier afirma que a pontuação está no âmbito da escrita e não da fala, pelo motivo de não serem proferidos seus signos.

Smith situa a pontuação exclusivamente no campo da escrita, considerando que a sua função é demarcar os significados no texto e reproduzir certas convenções da escrita, indispensáveis à sua consistência.

Em consonância com a segunda postura, citamos Halliday e Catach (cf. IN: Rocha, 1994: 98/99).

Halliday vê a pontuação ligada não só com a gramática, como também com a fonologia. Diz-nos que: “se alguém está escrevendo um discurso conectado em inglês, a pontuação pode ser assumida (e é inconscientemente interpretada) *indiferentemente* como marcando unidades gramaticais ou marcando unidades prosódicas”. É, segundo ele, mais uma questão de *estilo*, tornando-se viável, inclusive, uma junção dos dois modos de pontuar.

---

<sup>T</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Para Halliday, a linguagem escrita e a linguagem oral, embora apresentem distinções em vários aspectos, possuem a mesma gramática subjacente e as unidades gramaticais podem estar vinculadas às unidades prosódicas.

Conforme Catach, sintaxe, pausas, entoação e sentido são totalmente indissociáveis, mesmo se nós os diferenciamos para análise.

## **2. Propriedades e funções da pontuação**

Como um sistema semiótico que goza de autonomia, o sistema gráfico aproxima-se, embora de modo imperfeito, do sistema fonológico, já que são de natureza diversa. Dessa forma, alguns elementos do sistema gráfico possuem funções distintas, como a pontuação, por exemplo.

Em termos gerais, a pontuação é conceituada tomando-se por base as propriedades e funções que este conjunto de signos avoca. Entretanto, como são várias propriedades e diferentes funções, torna-se complexa uma sistematização lógica da pontuação, sem contar o risco de propostas de definições ambíguas.

A questão fundamental passa a ser, portanto, refletir sobre *qual o estatuto lingüístico dos signos de pontuação*.

### **2.1 Propriedades**

Como os demais signos lingüísticos, os “sinais” de pontuação são formados por um significante (o pontuante) e um significado (o pontuado). Segundo Tournier, o mesmo significante (por exemplo, a maiúscula) pode ter diversos significados – início de frases, nome próprio, valorização etc..

De acordo com Perrot, a propriedade essencial da pontuação é o fato de não ser articulada: “um signo de pontuação é um signo gráfico discreto e sem correspondência fonêmica” (cf. IN: Rocha, 1994:100).

A outra propriedade é que os signos de pontuação são portadores de sentido, o que lhes dá um valor ideográfico, ao inverso dos grafemas. Embora possuam uma significação, isso não denota que a função exclusiva dos signos de pontuação seja a de reproduzir as pausas e a entoação (cf. IN: Rocha, 1994:100).

A terceira propriedade dos signos de pontuação, comum e básica aos signos lingüísticos em geral, é a de atuarem sobre dois eixos: sintagmático e paradigmático, apesar de ser uma sintagmática dos segmentos demarcados (cf. IN:Rocha, 1994:100).

O caráter sintagmático dos signos de pontuação não consiste em um sistema de combinações entre os seus signos a fim de constituírem unidades de nível superior, todavia revela-se na *função delimitadora* em níveis gradativos. Ou seja, funcionam de forma a fixar limites, apresentando-se nas extremidades de seqüências gráficas: membros de frases dentro de frases; frases dentro de parágrafos, parágrafos dentro de textos. Já sua

paradigmática mostra-se na viabilidade de o utente poder seleccionar um entre diversos signos coexistentes.

Rocha distingue os signos de pontuação em *obrigatórios* (como o ponto final ou a interrogação) e *alternativos*. Estes podem ser substituídos por outros em determinados contextos, principalmente quando marcam efeitos da enunciação (como travessões por parênteses ou por vírgulas). Segundo ele, um dos aspectos mais peculiares da pontuação é *essa grande flutuação ou liberdade no uso de alguns sinais* (grifos do autor), interferindo bastante na habilidade de pontuar. Ela tem a ver não só com o funcionamento paradigmático dos signos de pontuação, mas ainda, de modo acentuado, com a interferência da prosódia da linguagem falada na escrita.

Halliday tece algumas considerações a respeito da variação vista no emprego de alguns sinais de pontuação, notando que, na prática, não há problema no uso das *marcas de status*, como observaremos em 2. 2.

Rocha (1994:102) põe em relevo outro aspecto interessante na pontuação:

*... um só signo pode se comportar como uma espécie de “suprasegmento”, capaz de atribuir a uma vasta porção do texto valores e nuances variados: exclamação, interrogação, ironia, ênfase, dúvida, negação total do que vinha sendo dito, insinuação, distanciamento, citação numa citação, discurso direto num discurso indireto ou numa narração, cortes do assunto, mudanças de foco ou sinfonia de muitas vozes.*

Logo, na pontuação ocorre o contrário da sintaxe verbal, que prossegue elemento por elemento, linearmente.

Conforme Catach, o ato de pontuar é cercado do mesmo mistério que envolve a linguagem em situação e, consiste, basicamente, em sua função de “colocar em cena”.

Neste sentido, como aponta Rocha (1994:102), pode-se dizer que: “a pontuação nos permite o repouso próprio de todas as linguagens, assim como manifestar na escrita uma verdadeira expressão corporal, revelando ou ocultando nossas intenções”.

## **2.2 Funções para classificação da pontuação**

Dentre as propostas de classificação de maior amplitude e funcionalidade pesquisadas, optamos por especificar a de Halliday (1989) e a de Catach (1980), que enfatizam diversas funções da pontuação, sistematizando-as.

Halliday confere aos signos de pontuação três funções gerais:

A primeira função é marcar *limites ou fronteiras*.

Adverte que a gramática de cada língua está organizada numa hierarquia de unidades de diferentes tamanhos: frases, orações, sintagmas, palavras e morfemas.

A segunda função é marcar “*status*”, ou seja, indicar sua função discursiva.

Para Halliday, mais do que sinalizar o término de uma frase, é preciso mostrar sua *função* – se é uma declaração, uma interrogação ou outra coisa.

Assim sendo, é possível opor: o *ponto final*, para declarações; o *ponto de interrogação*, para perguntas; e o *ponto de exclamação*, empregado para várias funções da fala, incluindo comandos, sugestões, ofertas, exclamações, chamados e saudações (cf. IN:Rocha, 1994:106).

Também são símbolos de status as *marcas de citação, ou aspas*, que são usadas para atribuir alguma parte do texto a alguém que não o autor, para citar (uma palavra ou frase dita por um personagem da narrativa ou para destacar uma palavra especial, por exemplo). Há dois tipos de aspas: simples e duplas e, conforme Halliday, são os signos de pontuação de emprego mais indefinido.

A terceira função é *marcar relações*, difícil de generalizar, como afirma Halliday. Nela estão incluídos:

a) o *hifen*, que indica um laço através de um espaço (seja um espaço de palavra ou final de linha), sinalizando que duas palavras devem ser consideradas como um conjunto, ou que duas letras estão separadas por uma quebra de linha;

b) o *travessão*, que mostra que o elemento seguinte deve ser tomado como uma aposição ao antecedente;

c) o *parêntese*, que sinaliza que o elemento incluído é um tipo de sub-rotina, um complemento ao aspecto principal da frase ou de um termo dela;

d) o *apóstrofo*, que denota a omissão de uma letra. Por exemplo, para reconhecer uma variante informal (cf. IN: Rocha, 1994:107/108).

Catach entende por signos de pontuação os seguintes elementos gráficos superpostos ao texto: vírgula, ponto-e-vírgula, pontos (final, de exclamação, de interrogação, de suspensão) e os denominados sinais de enunciação (dois-pontos, aspas, travessões, parênteses, colchetes).

Segundo a autora, esses signos têm também três funções gerais:

A primeira delas é a *organização sintática*, a qual cabe a união e separação das partes discursivas, em todos os níveis (junção e disjunção, inclusão e exclusão, dependência e independência, distinção e hierarquização dos planos do discurso).

A maioria dos pontemas<sup>1</sup> possui uma função separadora e organizadora. É crescente o valor dos sinais essencialmente separadores:

---

<sup>1</sup> PONTEMA: Para Catach, a unidade de duas faces constituída pelo signo material e sua função pode ser chamada de “pontema”. A autora caracteriza o signo de pontuação (pontema) dentro do sistema gráfico, como sendo: “Uma classe particular de grafemas, essencialmente pleremas (puros ideogramas ou os mais plerêmicos dos grafemas), que

vírgula (ou branco); ponto-e-vírgula (ou dois-pontos); ponto (interrogativo, exclamativo, suspensivo, final); branco da alínea etc.

Os sinais de enunciação também constituem um subsistema separador, indicando um afastamento cada vez mais acentuado dos vários planos discursivos. Neste caso, a separação efetua-se entre os locutores ou pontos de vista presentes na situação de comunicação (segmentos intersintáticos): incisos (frase que corta outra, provocando a interrupção do sentido), parênteses, colchetes, dois-pontos, aspas, travessão, alíneas (linha escrita que indica a abertura de um novo parágrafo), utilização de itálico etc. E não, conforme aponta Catach, entre os segmentos da cadeia sintática principal, ou seja, não entre os segmentos intra-sintáticos (cf. IN: Rocha, 1994:108/109).

A outra função dos signos de pontuação é a *correspondência com o oral*, que reproduz a marcação das pausas, do ritmo, da linha melódica, da entoação, daquilo que é denominado de “supra-segmental” (fenômenos não marcados na escrita de outra forma e que constituiriam a “terceira articulação da língua”). É devido a esta função que o efeito dos sinais de pontuação é contínuo, abrangendo toda uma frase ou um segmento de frase.

A terceira função é a *suplementação semântica*, que, em relação à informação alfabética, pode ser ou não redundante. Pode ainda complementar ou suplementar as unidades de primeira articulação, morfemáticas, lexicais ou sintáticas.

São notórios o aumento dos recursos e a variedade ideovisuais da pontuação atual, decorrentes do desenvolvimento e da padronização dos impressos.

Catach arrola uma série de elementos pertinentes à pontuação, bem pouco explorados, tais quais: símbolos de elementos não repetidos, substitutos de morfemas, indicando relativas explicativas ou a estruturação dos planos do discurso, contrastando o mais ao menos importante, separando o principal do secundário, o “eu” do “tu” ou “ele”, o tema do rema etc. (cf. IN: Rocha, 1994: 110).

Compete-nos enfatizar que os mesmos sinais podem assumir valores diversos, desempenhando mais de uma função, logo, não há biunivocidade perfeita entre tipo de pontuação e função.

### **3. Pontuação e paginação**

Na ausência de um signo de pontuação, o que resta na página impressa? Parece-nos demasiadamente elementar a resposta a essa pergunta: um branco. Pois este branco, ressalta Catach, já é um signo, o mais primário

---

guardam afinidades com os morfogramas (transcrição dos morfemas), derivados do oral, aos quais se atribuem funções de pausa e de entoação” (cf. IN: Rocha, 1994:103/104).

e fundamental de todos, um “signo em negativo”, como uma fotografia em preto e branco. Segundo a autora, a página escrita registra-se em nosso campo visual por uma série de oposições entre o implícito e o explícito (cf. IN: Rocha, 1994:114).

De fato, uma das dificuldades da linguagem escrita consiste na diferença entre o que se ouve e o que se vê, na exigência da passagem de um meio temporal (o da fala), para um meio espacial.

Rocha (1994:114) aponta que o texto moderno restringe-se à escritura num espaço gráfico que está implícito, mas é necessário considerar que esse espaço não é verbal e sim, visual.

Por essa breve abordagem, podemos ver que os aspectos gráfico-espaciais da pontuação merecem ser focalizados.

Catach esclarece que o espaço gráfico é passível de análise. Para ela, esse espaço compreende unidades de três ordens de grandeza: o nível das palavras, o nível da frase e o nível do texto.

Ao tratar dos aspectos gráfico-espaciais da pontuação, Catach possibilita-nos perceber a concepção que um redator competente ou um editor têm a respeito do assunto.

#### **4. Análise da pontuação em Lygia Bojunga**

Se a personagem não largou mais a autora até que esta tecesse uma vida para aquela, situação semelhante experienciamos como leitora: Lygia Bojunga com *Fazendo Ana Paz* chegou tão forte, que não conseguimos desprender-nos de sua obra enquanto não decidimos conhecer melhor o seu estilo. Para tal, realizamos um recorte, dando foco a alguns “signos de pontuação”, que funcionam como marcadores estilísticos de nossa escritora eleita.

Lygia Bojunga usa magistralmente esses recursos expressivos, sem ater-se à rigidez das regras gramaticais, regendo-os de acordo com a emoção que almeja passar-nos a cada momento diante de uma circunstância nova, permitindo-nos quase “ouvir” a sua voz e a de seus personagens, acentuando por intermédio dos *signos de pontuação* a sinestesia existente em sua obra.

A cena que perpassa o livro, que empaca, segundo a autora, o seu processo criativo, a nosso ver, é a que marca o ritmo da narrativa, propiciando em seu ir e vir, na polifonia que a compõe, o arranjo e a distribuição dos papéis dramáticos.

Nela, conforme *Ana Paz*, ouvimos um turbilhão de vozes, somos apresentados ao mesmo tempo à sua mãe, ao seu pai, à *Carranca* e explode todo o contexto familiar. Mais do que ouvir, vemos o cenário, sentimos o toque do abraço, o gosto amargo da separação violenta e o fétido cheiro de

uma conspiração. O efeito dessas sensações simultâneas é obtido por Lygia Bojunga através da liberdade criadora no emprego dos *signos de pontuação*.

Como vimos, os signos de pontuação têm propriedades. Apesar de não serem articulados, portam sentidos e funcionam em dois eixos: sintagmático e paradigmático. Nesta cena, paradigmaticamente, a autora alterna presença e ausência (positivo e negativo), selecionando, assim, os pontemas. Em sua sintagmática, verificamos a despreocupação com a função delimitadora em níveis gradativos desses signos, pois Lygia Bojunga constrói a cena em um só parágrafo (aliás, deveras extenso), com um minucioso detalhe: excluindo os nomes próprios, apenas a utilização de uma letra maiúscula em seu interior (logo no início, após o primeiro período composto), indicando-nos que o seu objetivo é intensificar o sentido por meio desse procedimento estilístico – um único “sopro” formou-a .

Vejamos:

“Só que sempre que eu penso nisso o meu coração sai disparado e a minha mão fica meio suada. É que quando a minha mãe disse a hora que eu nasci o meu pai chegou nervoso dizendo eu tenho que sumir, eu tenho que sumir! e puxou a minha mãe pro quarto, e bateu a porta com força, e desatou a falar cochichado, e eu fui chegando pra porta, mas não dava pra escutar direito, ouvi Rio Grande do Sul, ouvi militar, ouvi sindicato, e ouvi ele dizendo de novo eu tenho que sumir, eu tenho que sumir, e a minha mãe abriu a porta, e passou por mim sem me ver, e correu pro telefone, e o meu pai abriu o armário, e pegou uma sacola, e foi jogando lá pra dentro camisa meia e pijama, e quando eu cheguei perto dele ele me pegou num abraço e disse Ana Paz me promete uma coisa, que é, pai, que é? promete que tu *nunca* vais te esquecer da Carranca, mas pai o que que tá acontecendo? ele me sacudiu e pediu de novo, promete que tu não vais te esquecer da Carranca, Ana Paz! eu prometi e não deu pra dizer mais nada, a campanha tava tocando, e tinha gente dando soco na porta, e a minha mãe veio dizer apavorada eles tão aí! eles tão aí! e o meu pai saiu correndo, e a sacola ficou pra lá, e a minha mãe gritou não sai por aí que eles já cercaram a casa! e tome pancada na porta, e voz de homem gritando, e aí eu comecei a ouvir tiro tiro tiro e a minha mãe gemendo chorado.”

Destacamos para analisar, a seguir, alguns fragmentos da citada cena, quanto ao (des)uso da *vírgula*:

1) “... É que quando a minha mãe disse a hora que eu nasci(.) o meu pai chegou nervoso...”

2) “... E quando eu cheguei perto dele(.) ele me pegou num abraço...”

Ora, em relação às convenções da Gramática, separa-se por vírgula quando a oração subordinada temporal é anteposta à principal e se quer pôr em realce (cf. Olívia, p. 72). Mas, para precisar o fluxo de idéias e a vicissitude dos acontecimentos, a autora opta por não empregá-la.

3) “... e puxou a minha mãe pro quarto, e bateu a porta com força, e desatou a falar cochichado, e eu fui chegando pra porta...”

4) “... e a minha mãe abriu a porta, e passou por mim sem me ver, e correu pro telefone, e o meu pai abriu o armário, e pegou uma sacola, e...”

Já no tocante às orações coordenadas aditivas, constituindo o polissíndeto, a escritora usa reiteradamente a vírgula. Esse procedimento é previsto nas instruções gramaticais: “se as orações não forem de pequena extensão ou se houver desejo de pôr em realce, podem ser separadas por vírgula” (cf. Olívia, p. 55).

Ao escolher trabalhar com a figura de sintaxe: polissíndeto, Lygia Bojunga seleciona, no eixo paradigmático dos signos de pontuação, a vírgula em vez do ponto, assegurando a sugestão de movimentos ininterruptos e vertiginosos.

5) “... e foi jogando lá pra dentro camisa(,) meia e pijama...”

No caso de enumeração, a regra é: “usa-se sempre vírgula entre os elementos de uma enumeração. Porém, se o último elemento vier precedido de *e*, não precisa de vírgula” (cf. Olívia, p. 16). Lygia Bojunga rompe com a norma para manter-se fiel à intencionalidade do texto: a velocidade da seqüência das ações/imagens pode ser acelerada com a omissão desta vírgula. Não há sequer o risco de ambigüidade indesejada no contexto.

Limitamo-nos a esses exemplos pertinentes ao (des)uso da vírgula a fim de que outros signos de pontuação possam ser arrolados. A partir de agora, ilustraremos cada signo com um fragmento de partes distintas de *Fazendo Ana Paz*.

Examinemos o emprego de ponto-e-vírgula.

6) “... Eu não te escrevo sonhando; eu não te escrevo dormindo; eu só te escrevo acordada...”

Ao tratar do paralelismo em coordenações e correlações, Garcia (1988:15) recomenda separar por ponto-e-vírgula – “*e até mesmo por ponto-período*” – o “*conglomerado*” do segundo termo de uma correlação com estruturas paralelas.

No exemplo acima, portanto, constatamos a escolha paradigmática de Bojunga pelo ponto-e-vírgula que, ao separar elementos simétricos produz um ritmado encadeamento do período, muito ao gosto da oralidade.

“Essas formas de paralelismo são rítmicas, na medida em que as unidades que se alternam delimitam-se, ao mesmo tempo, pelo jogo que estabelecem entre aspectos fônicos,

gramaticais e semânticos – jogo freqüentemente demarcado na escrita por meio de sinais de pontuação”, conforme ressalta Chacon (1996:13).

Observemos em uma única fala de Ana Paz, como a autora joga com os signos de pontuação: ponto de interrogação, ponto e ponto de exclamação.

7) “– Antônio? Antônio. Antônio! Ah, que bonito.”

Esse fragmento possibilita-nos demonstrar a segunda função: marcar “status”, isto é, mais do que sinalizar o final de uma frase, é necessário indicar a função discursiva dos signos de pontuação – se é uma interrogação, uma declaração, uma exclamação ou outra coisa, como foi explanado na parte teórica deste artigo.

Um nome próprio, com diferentes entoações, pode ter múltiplos significados. A autora transmite-nos as alterações de sentidos pelo registro consecutivo dos signos de pontuação que se modificam, gradativamente, tentando marcar a dúvida, a convicção, a perplexidade frente ao encontro do (in)esperado.

Não podemos deixar de assinalar o recurso estilístico explorado por Lygia Bojunga, em vários momentos da narrativa analisada: a utilização de sinais reiterados ou combinados, no esforço de sugerir a intensidade da surpresa e do espanto ou da incerteza, enfim, a pontuação valorizando a afetividade.

Eis alguns exemplos:

8) “– É uma sensação esquisita, eu não gosto, acende essa luz de uma vez!!”

9) “– Acaba?? mas então eu não tô te escrevendo já faz tempo num livro chamado “Eu me chamo Ana Paz?”...”

10) “– Mas se você vai vender a casa, que loucura é essa de botar ela em dia, mamãe?!”

Por último, vamos às reticências.

11) “.... eu perguntei pra ele se ele achava que... que eu ainda... ia ter tempo pra...”

12) “– Ana Paz?... Por que você apagou a luz? ... Eu sei que você taí, Ana Paz. Acende a luz, sim? ... Ô, Ana Paz, quer acender essa luz?”

Quanto ao uso das reticências, implícita ou explicitamente, encontramos pelo menos nos três gramáticos considerados como referentes, hoje – Celso Cunha, Evanildo Bechara e Rocha Lima – uma alusão ao valor estilístico desse signo de pontuação.

Celso Cunha faz algumas observações: “Como os outros sinais melódicos, as **RETICÊNCIAS** têm certo valor pausal, que é mais acentuado quando elas se combinam com outro sinal de pontuação”. Em relação à combinação com o ponto de interrogação (exemplo 12), Cunha indica que as *reticências* prolongam a duração da inflexão interrogativa, adicionando-lhe certos matizes particulares.

Conforme podemos constatar em *Fazendo Ana Paz*, Lygia Bojunga explora a utilização das *reticências*, que percorrem a trajetória de construção da personagem e da obra, intensificando a angústia, o sofrimento, as dificuldades do percurso, as diversas interrupções do processo criador da autora.

Neste momento, aproveitamos para ressaltar que as funções dos signos de pontuação, segundo Catach (já expostas na parte teórica) – a organização sintática, a correspondência com o oral e a suplementação semântica – ocorrem de forma superposta e não, isoladamente.

Logo, consideramos o exemplo 11 digno de demonstrar essa ocorrência. O campo semântico da narrativa acentua-se com o emprego das *reticências*, marcando tanto as interrupções quanto o religar das três etapas da personagem: Ana Paz-menina, Ana Paz-moça e Ana Paz-velha. Aliás, muito mais que isso, as *reticências* sinalizam a possibilidade do corte de sua vida (Ana Paz-velha completa oitenta anos).

Há outros pontos a serem abordados. Todos tão caracterizadores do estilo de Bojunga!! O *hifen*, por exemplo, marcando relações em tantos momentos desta história: Ana Paz-menina (ela-mesma-ali-criança), Ana Paz-moça (Moça-que-se-apaixonou-pelo-Antônio), Ana Paz-velha (pelo amor-de-deus)!!!! Mas, como sabemos, é impossível colocar ponto final em uma análise. Por isso, convidamos você, leitor, a prosseguir-la, penetrando no universo ficcional de Lygia Bojunga.

## BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

CHACON, Lourenço. “A Pontuação e a Demarcação de Aspectos Rítmicos da Linguagem”. IN: *Ritmo da Escrita: uma Organização do Heterogêneo da Linguagem*. Dissertação de Doutorado. São Paulo:

Universidade Estadual de Campinas, 1996. Revista D.E.L.T.A. São Paulo, 1, vol. 13: 1-16, 1997.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, O. M. Comunicação em Prosa Moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

OLÍVIA, M. Uso da Vírgula: Prática de Português. Petrópolis: Vozes, v. 6.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 37ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1999.

ROCHA, Iúta Lerche Vieira. “O Sistema de Pontuação na Escrita Ocidental: uma Retrospectiva”. IN: Aquisição da Pontuação: Usos e Saberes de Crianças na Escrita de Narrativas. Dissertação de Doutorado. São Paulo: PUC, 1994. Revista D.E.L.T.A. São Paulo, 1, vol. 13: 83-117, 1997.